2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 47. QUINTA FEIRA. 1 DE JULHO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O COMMERCIO E OS ABUSOS DAS QUARENTENAS.

Tem sido muitos os clamores e as representações do corpo do commercio de Lisboa contra os abusos das quarentenas. Insistimos na qualificação de abusos que damos aos actos contra os quaes clamam os respeitaveis negociantes da nossa praça, para que o sophisma não venha enfraquecer a força da sua justiça. O corpo do commercio respeita, e não podia deixar de respeitar as quarentenas, nos pontos em que a sciencia ainda não as condemnou, e nas praticas que possam offerecer garantia á saude publica; em tudo mais as deve condemnar como abusos que servem de pasto a interesses sordidos e illicitos. E não se pense que o commercio procedendo assim representa o interesse isolado da sua classe — a sua missão neste ponto sóbe mais alto, e vem converter-se na defeza dos mais solidos interesses do paiz.

A enfermidade que por desgraça do tão rico e esperançoso imperio do Brazil lhe rouba bastantes braços e intelligencias promove uma emigração forçada de muitos dos seus habitantes. A maioria dos que tomam esta resolução são nossos compatriotas, que á força de privações e de trabalho chegaram a accumular capitaes, mais ou menos avultados. Todas as suas recordações, todos os seus desejos, os trazem naturalmente para a patria, ao dirigirem-se para a Europa. Observar a seu respeito as regras que a sciencia aconselha — que a experiencia ainda não condemnou — como precauções contra os contagios — é dever de humanidade — e alta rasão governativa, que ninguem póde impugnar; mas transformar em ridiculo um caso serio, por meio de praticas absurdas, mudar o deposito para observação em carcere com privações, e perigos de uma nova epidemia — são factos não só ineptos mas deshumanos, e diametralmente oppostos aos interesses que ligam Portugal ao Brazil, e que tanto se devem promover. Quanto ás materias susceptiveis e não susceptiveis, as conferencias sanitarias de Paris concordaram em pontos que são uma solemne e competente condemnação da nossa anachronica tabella que ainda vigora.

O modo como a praça de Lisboa se tem havido neste negocio de grande utilidade publica faz-lhe muita honra. Ao diante publicamos dois requerimentos seus, sobre o assumpto, sendo um dirigido ao Governo, e outro á Camara dos Srs. Deputados. O commercio em ambos colloca o negocio com toda a clareza na sua verdadeira posição.

Querem-se as salutares providencias do lazareto — pugna-se pela sua fiel observancia, mas representa-se contra o que é absurdo, ridiculo e insustentavel.

Em nome da humanidade requer-se a pratica dos verdadeiros principios da sciencia contra os vexames da inutilidade e as prepotencias do abuso.

Urge e muito que os nossos irmãos do Brazil saibam que os não repellimos ineptamente das nossas praias, que os não recolhemos em um carcere nos primeiros dias de hospitalidade — que não complicamos e fazemos abortar as especulações do commercio, por meio de despezas enormes que se pagam para processos inuteis.

As representações do commercio exigem portanto uma solução prompta e justa.

Sabemos que a convenção sanitaria sendo ratificada acabaria com muitas destas justas queixas, mas tambem sabemos que ha casos como este em que a espera é impossivel — em que o Governo não póde nem deve deixar de dar uma prova especial de que attende e considera os votos de uma das mais uteis e respeitaveis classes da sociedade.

A nomeação de uma commissão de homens competentes para reverem a tabella de 1821 é um recurso que dá a este negocio uma solução favoravel, e qual o Governo não poderá deixar de pôr em pratica, pois que assim o reclama o seu credito e a consideração que lhe deve merecer o commercio.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

SENHORA.

Os abaixo assignados, negociantes desta praça, tendo ouvido varias pessoas intendidas na suspeição dos differentes artigos que se importam do Brasil, e que podem trazer a este reino a febre que grassa naquelle paiz; vem respeitosamente pedir a Vossa Magestade haja por bem fazer rever por pessoas competentes a tabella de 3 de janeiro de 1821, por que actualmente se qualificam os generos susceptiveis e insusceptiveis, pois que os supplicantes se persuadem, que dessa revisão deve necessariamente resultar beneficio ao commercio, sem prejuiso para a saude publica, sendo reputados insusceptiveis alguns artigos, como o piassaba, os sacos em que vêm o assucar, por se acharem impregnados de melaço, e este ser insusceptivel; e outros que melhor conhecerão as pessoas competentemente habilitadas. — Pedem a Vossa Magestade haja de lhes deferir — E R. M. — (*Seguem-se as assignaturas*).

SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA.

Dizem os abaixo assignados, negociantes da praça desta cidade de Lisboa, que tendo o sr. deputado Antonio Corrêa Caldeira exigido esclarecimentos do governo para o interpellar sobre a deliberação que o mesmo governo tomou em dar pratica no fim de 5 dias de quarentena aos passageiros vindos pelo vapôr inglez *Tay*, não podem os abaixo assignados deixar de apresentar a esta camara, para seu conhecimento, uma fiel exposição dos vexames que soffrem os passageiros que vêm do Brazil, assim como o commercio em geral, em virtude das determinações do conselho de saude publica do reino.

Pelo edital do conselho em data de 17 d'abril do corrente anno são sujeitos á quarentena de 5 dias os passageiros vindos em embarcações procedentes de portos infeccionados, uma vez que não tragam carga de generos susceptiveis e que não tenham tido caso de morte a bordo. — Em contradicção á doutrina do mesmo edital, determinou o conselho que os passageiros vindos no vapor inglez *Teviot* tivessem a quarentena de 8 dias sob pretexto de que tinha havido a bordo um caso de morte, que se comprovou pelo attestado dos facultativos que tractaram o doente no Rio de Janeiro, declarando o estado em que embarcou, e pelo que passou o cirurgião de bordo do vapôr inglez, ser de origem de uma tisica, molestia muito vulgar entre nós, e que não póde nem deve dar motivo a quarentena, sendo por isso arbitraria a determinação do Conselho, em desharmonia com as suas proprias deliberações.

Os homens que fazem no lazareto a descarga dos generos das fragatas para os armazens no mesmo lazareto vêm da parte superior do edificio á praia para verificarem as descargas, e findas ellas tornam a ser recolhidos. Aos passageiros quarentenarios não lhes é permittido saírem da parte superior do mesmo edificio, aonde tambem são recolhidos, quando nenhum inconveniente ha em similhante concessão; porque seria escolhida pelo inspector do lazareto e cirurgião, que está tambem debaixo de quarentena em observação dos mesmos passageiros, a hora mais propria, em que, com as devidas vigias para evitar o contacto com as pessoas em livre pratica, lhes fosse suavisado o incommodo de estarem encerrados, servindo de reconhecida vantagem á saude dos mesmos passageiros, e evitando-se assim qualquer epidemia, que a falta de ar novo e livre póde desinvolver.

Ha generos que pelo antiquissimo regulamento, ainda hoje em vigor, são julgados não susceptiveis; por exemplo — o assucar —, mas o conselho exige que aquelle que vêm em saccos descarregue para o lazareto, porque está no mesmo regulamento declarado que a linhagem é julgada susceptivel, não attendendo o conselho a que os saccos que vêm impregnados em assucar, e que por isso mesmo são isentos de todas as susceptibilidades, vão para um armazem no lazareto aonde se lhes não faz, porque não é possivel, beneficio algum, e donde vêm para a alfandega; é apenas

uma escala que demora a posse da propriedade, augmenta consideravelmente a despeza, e vexa o commercio sem vantagem publica conhecida.

Outros generos ha, que tambem são julgados não susceptiveis pelo regulamento em vigor, e que só por trazerem um papel forrando por dentro a tara, vão tambem ao lazareto.

Estas e outras miserias ou prejuizos exige o conselho que se executem, ao que se póde julgar, por sustentar o regulamento, que é defeituoso e antiquissimo, e não está em harmonia com o adiantamento da sciencia no presente seculo, nem com o que se pratica em França e Inglaterra aonde os regulamentos de quarentenas estão muito modificados, sendo notorio que havia toda a tendencia para levar por diante essas modificações nos diversos delegados de muitas nações, que para tractarem deste assumpto se reuniram em Paris em 1851, apesar de não se ter tomado uma deliberação.

Em vista, pois, do que expõe os abaixo assignados, recorrem a esta camara para que se deem providencias que evitem a continuação de tantos e tão repetidos vexames inuteis que o commercio soffre com as deliberações do conselho, nomeando-se uma commissão de facultativos estranhos á repartição do Conselho de Saude, que avaliando bem todas as circumstancias reveja o regulamento, e a pauta dos generos julgados susceptiveis e não susceptiveis, e o inutilise na parte em que só servir de embaraço ao commercio, sem utilidade alguma publica, e o modifique em tudo que seja possivel, conciliando-se o bem publico com os interesses do commercio, não só em referencia ás embarcações e seus carregamentos, como aos passageiros vindos em paquetes a vapôr, ou em embarcações de véla, attendendo a que estas trazem sempre mais longa viagem. — E R. M. — *Antonio Joaquim d'Oliveira.— Bernardo Miguel d'Oliveira Borges, Sobrinhos. — Manuel José Dias Monteiro. — Miranda & Filhos. — Domingos Affonso. — João José Machado. — Luiz Dally. —Nicoláo Ribeiro da Silva. — Pedro José da Silva. — Serzedello & C.ª— Custodio José Ferreira Braga. — João de Brito. — Viuva Tarujo & Filhos. — Domingos Antonio d'Abreu.— José d'Almeida Vidal.— Sebastião José d'Abreu. — G. J. R. de Carvalho. — Augusto Frederico Ferreira. — José Antonio Teixeira da Costa. — Nicolá Covacichi.— Viuva de Manuel Ribeiro da Silva & Filhos.— Antonio José de Seixas. — Luiz Antonio d'Abreu. — Alves & Carvalho. — Feliciano José Collares. — Manuel José Pereira Bastos. — José Maria Camillo de Mendonça. — Manuel Pires. — Camillo Martins Cardoso. — Mattheus José Vilella. — José de Brito. — Martinho José dos Santos. — Roque Luiz da Silveira. — José Joaquim das Neves.*

CASAS DE ASYLO DA 1.ª INFANCIA DESVALIDA.

A instituição das casas de asylo para a infancia, sendo uma das mais sublimes praticas do Evangelho é tambem uma das mais fructiferas obras da charidade de qualquer povo.

A infancia é o futuro, é a esperança que morre nos andrajos da miseria, que se perverte no crime, ou que se robustece pelo ensino e se regenera pela pratica da virtude. São grandes e tremendos os deveres dos instituidores de taes estabelecimentos; o paiz de quem sollicitam o concurso da esmola deve ser rigoroso na apreciação dos seus actos. Se o premio dos seus desinteressados serviços só póde vir do ceu, o julgamento dos seus actos é do direito da opinião publica.

Em Portugal as casas de asylo começaram com feliz exito e a instituição tem-se conservado, o que honra bastante os seus fundadores e administradores.

Uma augusta senhora, respeitavel pelas suas virtudes e pela elevação do seu espirito, tem o primeiro logar entre as almas grandes que se entregam ao santo cuidado de promover a sustentação de tão evangelicos estabelecimentos. Muitas senhoras respeitaveis se associam nesta grande obra da charidade e da civilisação a S. A. a Sr.ª Duqueza de Bragança.

Desejamos que esta instituição não só dure, mas que prospere e que se engrandeça.

A charidade publica ainda não foi em vão convidada em seu favor. E para elogio do povo portuguez deve dizer-se que avultada tem sido a esmola sempre que a voz da innocencia a tem pedido. Onde este grito da alma se ouve, este povo caridoso e pacifico lá corre em ondas para se mostrar digno daquelles sentimentos christãos que seus maiores tão sabiamente provaram.

A direcção das casas do asylo não póde deixar de ter presentes os deveres que taes factos lhe impõem, e o aviso que ao diante publicamos é disso uma prova. Sabemos que algumas senhoras fazem ha pouco parte desta direcção, e sem duvidar do seu zelo, e confiando plenamente na sua boa vontade, ousaremos pedir-lhe e a seus

illustres collegas bastante firmeza e imparcialidade no desempenho desta sua missão.

Da escolha das mestras depende a sorte futura da infancia que a pobreza confia aos seus cuidados.

A parcialidade, o favor em casos destes seria até um crime perante Deus. — Lembrai-vos que não podeis favorecer com o que não é vosso, que não podeis proteger amisade ou dedicação, por mais justificadas que sejam, em prejuiso da innocencia.

Sabemos que as senhoras que tão gostosamente se investiram de uma jurisdicção que as faz altamente responsaveis para com a consciencia e para com o publico, comprehendem perfeitamente o que a imprensa tem obrigação de lembrar.

Ha pouco o digno arcebispo de Paris, assistindo á abertura de um asylo de infancia dizia, chamando para si os innocentes desvalidos: — vinde ao pé de mim, que sou a mãe que vos falta. — Esta singela phrase com que uma grande intelligencia representou o pensamento que eleva o homem á contemplação da divindade, resume tambem os deveres que tivemos intento de esboçar dando publicidade ao seguinte aviso.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

AVISO.

O conselho de direcção da sociedade das casas de asylo da 1.ª infancia desvalida desta capital annuncia que estando vago o logar de mestra e o de ajudanta de uma das mencionadas casas, resolveu provêl-o por concurso, para o qual se recebem os requerimentos, com declaração da morada, até o dia 15 de proximo mez de julho, e que deverão ser entregues na rua da Emenda n.º 6.

Exige-se a aptidão necessaria para ensinar ás creanças a lêr, escrever e contar correntemente, a doutrina christã, e os rudimentos ao alcance da primeira infancia, e bem assim a costura e mais ensino proprio das meninas. Além disso, é condição essencial para a admissão o serem duas pessoas da mesma familia, por exemplo, mãe e filha, tia e sobrinha, ou duas filhas, admittindo-se neste caso a companhia de sua mãe.

As pessoas que se acharem nas circumstancias de servir estes logares, apresentarão os documentos que comprovem o seu bom procedimento, e serem isentas de molestias contagiosas.

Lisboa 25 de junho de 1852.

SOBRE A SEMENTEIRA DO TRIGO EM TERRAS QUE TIVERAM MILHO.

Não trato de censurar absolutamente o systema de similhante cultura, mas pertendo demonstrar os maus resultados que delle provém, pois que segundo a minha experiencia e as theorias dos professores de agricultura oppoem-se a muitas rasões economicas.

Entende-se por economia, neste caso, obter abundante colheita com a minima despeza possivel, e não o fazer despeza menor tendo colheita mesquinha, que não chega a cobrir os gastos ou pouco mais produz. Tratarei, por isso, de mostrar a insufficiencia e inefficacia do sobredito systema.

Examine-se, por exemplo, um campo de optima qualidade de terra, da que nós os lombardos denominamos *volpina*, abundante de partes calcareas, o qual foi mettido de milho tendo sido lavrado com ruim arado de pau. Chegada a primavera foi semeado de trigo, e alqueivado com o mesmo arado de pau, que rompe ou antes arranha o solo a pequena profundidade, indo os homens atraz preparando-o em pequenas leivas. Como pode, neste caso, o trigo deitar suas raizes devidamente profundas, se o chão está endurecido por causa das chuvas que o fizeram abater, dos carros que lhe passaram por cima na occasião da colheita do milho, do transito dos bois e homens, e finalmente do gado que se deitou a pastar nesse campo? Como pode nascer a seara com regularidade, se a semente do trigo fica uma muito enterrada, outra muito á superficie? Se o arado de pau, em logar de virar a terra de cima para baixo, não faz senão movel-a de uma banda para a outra, e os homens que formam as leivas puxam o trigo ao centro da leiva, de maneira que n'um caso o arado deita para dentro desta o trigo, e n'outro os homens, que veem depois com as enxadas cobrem principalmente o primeiro, e deixam á superficie do chão o que puxam com as mesmas enxadas?

Parecerá a alguem proveitoso este systema, porque a terra recebeu duas sachas e uma rechêga; mas, por isso mesmo, insisto em que, quando o milho está em planta, a terra não pode receber as influencias atmosphericas senão em parte, sendo a maior porção absorvida pela planta cereal; além de que as causas que ficam apontadas tornam muito duro o terreno, e supprimem aquella porosidade de que precisa para alimentar o trigo, o qual requer, como todos sabem, dez centimetros de profundidade (pouco menos de meio palmo) para as raizes, e outros dez centimetros para alimento; e melhor ainda se mais fosse, porquanto se o calor do verão achar a terra bem rota, os raios puxarão acima toda a fresquidão que deixaram as chuvas do inverno, e esta irá alimentar o trigo de modo que elle quasi não sinta a secca do estio.

Para obter os resultados economicos satisfactorios para o cultivador e o dono da fazenda, é necessario lavrar as terras com os arados de ferro de Dombasle, os quaes voltam a terra de alto a baixo e dão a profundidade que o bom lavrador entende ser conveniente ao terreno; ao contrario dos sim-

ples arados de pau, que não fazem senão romper levemente a superficie do chão, e não produzem o que principalmente se deseja, que é tornar a terra porosa e solta, afim de subministrar sufficiente humidade como já se disse. Demais disso a construcção do arado não permitte profundar muito pela sua fraqueza, e não póde esse arado, em rasão da fórma das aivecas, revolver a terra como os de Dombasle.

Para a terra ficar bem lavrada deve guardar-se entre a largueza dos sulcos e sua profundidade a proporção de 7 para 5, afim de expor maior superficie á acção do ar; o que com o arado de pau não se póde obter, por sua diversa fórma e insufficiente força.

Tambem é inutil dispôr as terras em pequenas leivas; servindo só estas para as situadas em baixas ou muito humidas, a fim de que as aguas da chuva, ou que enxarcam, não prejudiquem as sementeiras, antes possam escoar-se livremente.

Alguns fazem as leivas nas terras altas e de muito declive, e ao contrario dispoem as baixas em grandes quarteirões. Terão para isso rasões sufficientes, mas, confesso que não sei comprehendel-as. Ha na verdade terras altas e de muito declive onde se podem pôr em pratica as leivas, porque são sujeitas a resumbrar nellas as aguas; mas, este mal deve-se remediar por meio de vallas abertas transversalmente; tirado desta excepção devem-se formar os taboleiros que melhor se prestam ao fabrico das terras. Deste modo obtem-se copiosa colheita que cobre as despezas do cultivo, e dá o desejado lucro, tendo sido preparadas as terras com duas lavouras, e submettidas á cultura *agostana*, que já n'um dos precedentes artigos foi explicada, e á rotação agraria ou afolhamento.

Quanto á economia é evidente; porquanto, tendo alguns alcançado pelo seu particular systema cinco a seis sementes, eu obtive até dez, e mesmo quatorze e dezeseis sementes, que cobrem as despezas das duas lavouras e deixam sufficiente ganho.

Aqui costumam acabar de compor as leivas com enxadas; porém, eu tenho uma grade arqueada que prepara o terreno muito melhor, e faço todo o trabalho com bois, poupando assim jornaes de trabalhadores.

Com as duas lavras dadas ás terras e com o afolhamento ficam muito limpas de ruins hervas, de maneira que os campos semeados de trigo ou de cevada não carecem de monda, e se alguma se faz é por uma vez e de pouca despeza. Não pequena vantagem é para o agricultor dispensar a monda, porque esta não só consome bastante dinheiro, como tambem não sendo feita por gente zelosa causa grande damno á sementeira.

Os lombardos costumam dar ás sementeiras do trigo uma sacha, a qual lhe é muito proveitosa, fazendo-a gente que tenha interesse pela prosperidade da colheita; e não causa damno algum ao trigo já existente.

Nas terras montuosas e de forte declive devem-se azer os regos, não segundo a inclinação, mas transversal ou horisontalmente, a fim de que as aguas corram á superficie e não se embebam em baixo, e por outras causas que já noutra parte indicamos, tratando da lavoura; sendo para notar o facto de que se observa na raiz dos outeiros cultivados maior força de vegetação do que nas encostas.

J. GAGLIARDI.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXVII.

A PAZ, OU A GUERRA?

(Continuado de pag. 548.)

—« O cofre é aquelle » continuou o jesuita « bonita peça! Se lhe tirar as duas carrancas douradas, e os pregos que prendem o jogo da fechadura, a chave dá tres voltas para a direita, e a tampa salta. Segredo inventado em Goa. Vi já um contador similhante: toda a differença era ser a volta para a esquerda. »

O secretario das mercês parecia um defuncto; caíu-lhe a chave; injectaram-se os olhos; e nos cantos da boca, repuxados pelas convulsões da afflicção, apparecia a espuma, manchada do sangue, que vertiam os beiços, mordidos com ancia. Esteve assim minutos. Depois com a desesperação resoluta de quem joga a vida, abriu o cofre e meteu a mão. Estava completamente vasio. O crime de lesa-magestade existia! O depositario tinha trahido o rei!

Na primeira refrega a dôr fez vergar o ministro sobre os joelhos, e sentiu que o sangue, acceso em torrentes de lume, lhe subia á cabeça relampejando a vista, e apagando-se a idêa. Machinalmente, o primeiro impeto foi estender a mão para as pistolas postas perto do cofre, e satisfazer o instincto da vingança. Se voassem os miollos do jesuita, o segredo da sua ruina ficaria morto com elle, e restava-lhe o tempo de se evadir ao castigo. Foi só um impeto; um accesso de loucura instantanea, acalmada logo pela reflexão. Depois, envergonhado de si, assentou-se com o rosto entre as mãos, e os olhos baixos, deixando correr o espirito por cima do abysmo das paixões com que luctava. Aquelle engenho, firme e orgulhoso momentos antes, rastejava agora, fus-

tigado pela angustia, como na segunda infancia da velhice o entendimento se prostra e o animo se quebra, sentindo-se fraco para levar sem descahir a vida e o seu peso.

O padre Ventura contemplava-o sem soberba. A sua fisionomia triste e meditativa era a elegia muda desta immensa queda. O cortesão primoroso, o ministro previdente e sabio, o commediante consummado em representar todos os sentimentos, estava nú de coração, despido de disfarce, inerme, e vencido na presença delle, e á sua voz! Por um lado que triumpho; por outro que licção!... O jesuita assim o intendeu. Pouco a pouco os olhos, e as mãos foram-se elevando ao céu com o espirito, e pelo silencio solemne, que havia em torno d'aquelle martyrio, passou o murmurio das orações que o padre enviava aos pés de Deus. Eram acções de graças, eram supplicas?

Talvez ambas!... Deste dia em diante Diogo de Mendonça era seu e da companhia. O visitador acabava de confirmar com esta victoria por mais um reinado a dominação quasi omnipotente do instituto, cuja gloria era a unica paixão de uma vida laboriosa e agitada.

Levantando os olhos de repente, o ministro ainda encontrou erguidas para o céu as mãos e a vista do jesuita. Apesar da tempestade desencadeada no cerebro, o ouvido percebeu o murmurio das orações. Assim contricto e humilhado diante da suprema sabedoria, com a fronte radiosa de fé, a figura do padre tinha a nobreza, a inspiração, e a poesia da grande imagem de um antigo patriarcha. Diogo de Mendonça, vendo pequeno diante de Deus o homem forte, teve pejo da sua fraqueza, e ousou elevar o coração ás consolações da esperança, e subir com a intelligencia á dignidade do dever. O sentimento moral venceu. A consciencia fortificou-o. A alma crente rompeu as trevas da tribulação e do desespero para se ir abraçar com Deus, pedindo constancia para a lucta, e graça para o sacrificio.

Quando se levantou estava salvo. Era outra vez o homem antigo, menos o artificio e a duplicidade; e tornava-se capaz de grandes acções, porque tinha reassumido a força donde ellas emanam. Medindo os perigos e os abysmos, que o rodeavam, com a serenidade do valor, preparou-se para o ultimo combate, resolvido a perder tudo menos a honra, e o respeito de si mesmo. Por um esforço quasi sobrenatural obrigou o espirito a socegar e a obedecer; o rosto a compôr-se grave e resoluto; a vista a não esconder nada, mas a mostrar-se firme na verdade. Percebeu, com a sua intuição superior, que a maneira de não succumbir era verem-no disposto a soffrer tudo. Em vez de o retirar levou com decisão á bocca o calix da amargura.

Assim, nesta scena intima, ambos os actores se elevavam pela grandeza d'alma. O jesuita adorando a Deus no seu triumpho; Diogo de Mendonça levantando um throno com as ruinas do seu poder.

A revolução moral, nos dois, operou-se em poucos instantes: e olhando um para o outro, passada ella, disseram comsigo» achei um homem! »

— « V. paternidade tinha rasão » disse o secretario tornando a sentar-se no seu antigo logar, e convidando o padre a fazer o mesmo. « Os papeis foram roubados. O crime existe... »

— « Bem vê! Então percebe as consequencias da publicação deste segredo?... »

— « Que póde custar-me a cabeça... Entendo perfeitamente! Accrescentarei só uma cousa. Erraram em contar com o medo do criminoso... Em que não tiveram razão foi em se persuadir de que Diogo de Mendonça se lhes deitava aos pés com temor da morte, ou se vendia com o susto de caír na maior desgraça... Tirado isto o plano é digno de elogio. »

O visitador não póde occultar a sombra de cuidado, que lhe passou neste momento, como uma nuvem, pela espaçosa fronte. No fundo do coração applaudia o secretario das mercês, mesmo prevendo que o combate se renovava, e desta vez com vantagem do contrario. Este proseguiu:

— « Sei que estou perdido; não me illudo. Dentro de um mez, de duas semanas, de alguns dias, não sei como nem quando, a revelação do segredo de estado, ha de cahir-me de repente sobre a cabeça, e anniquilar-me... »

— « Supponha, por exemplo, que o maço ía ter ás mãos de el-rei de França, ou de seu neto o pertendente de Hespanha?... » observou o padre com intenção.

É o que me estava occorrendo agora. Uma gazeta patentêa aos olhos da Europa o desaire da corôa de Portugal, e as cartas do prior Spinelli contra as conhecidas virtudes do sr. D. Pedro II, que Deus guarde? V. paternidade desejava insinuar-me isso? Apenas achei de menos os papeis, logo previ. Avalio o uso que póde fazer a companhia das armas que possue... Mas, como vê, tenho valor para encarar a verdade, e não a disfarço... Resta, pois, o optar entre uma

desgraça e uma infamia; e tenho a escolha! Se eu me fizer seu escravo, e fôr traidor a el-rei, promettem accudir-me: são os termos do pacto? Bem! a minha resposta é que estou resolvido a ír para o presidio, para as Pedras d'Angoxe, ou para a prisão perpetua da torre!... Já que tive a primeira imprudencia hei de consolar-me com a segunda. Prefiro a desgraça, mas não quero a deshonra. Estou prompto! Quando fôr tempo mandem o roteiro da viagem do conde de Castello Melhor... Fiquem certos; não hei de fugir. »

— « Ainda ha uma terceira cousa, que ommittiu, e que não lhe fica mal! » accudiu o padre Ventura com apparente serenidade.

— « A enviatura para fóra do reino?... Tirámos a macara, sr. padre visitador, e não devo illudil-o. A enviatura é o desterro disfarçado, e a minha neutralidade póde ser mais infame do que uma traição... Recuso! Se o julgar preciso, v. paternidade responderá em S. Roque que Diogo de Mendonça Côrte Real disse que se não queria vender. É provavel que lá se admirem. Contavam com isso.

— « E sabe se a companhia pede cousa que fique mal ao seu caracter? »

— « Nem pergunto! cartas na mão, disse v. paternidade. Bem! Dou as que tenho; entrego o jogo; que mais exige? Os meios porque me roubaram o deposito de el-rei... (por grandeza de alma, não desejo abater os meus vencedores) asseguro-lhe só que os não invejo, nem para adquirir dois palmos de terra!.. A minha unica vingança é ter dó delles e de quem os emprega. Do mais não digo; tenho experiencia e uso do mundo. Incommodava-os; desviam-me; não posso queixar-me. »

— « Então suppõe a companhia capaz de se introduzir em sua casa, e de lhe devassar os segredos? Accusa-me talvez a mim proprio de ser o agente principal?.. »

— « Torno a repetir a v. paternidade, despreso isso! »

— « Seja mais justo! A companhia quer amigos e precisa delles, mas não os compra. Os traidores são instrumentos, e não amigos... Sr. Diogo de Mendonça, veja aquelle espelho alli defronte dessa estante e dessa porta? Quer o delator mais claro? Ponha alguem a espreitar e o segredo foi descuberto. Agora diga: não ha ninguem que tenha um cofre similhante? »

— « Não conheço! »

— Examine melhor e ha de achar. Se me não engano até bem perto de sua casa, no fim daquelle corredor... »

— « Como?.. É possivel que... »

— « Pois, tão previsto, anda procurando o ladrão na rua, e não lhe occorre que o peior de todos é o ladrão de casa?.. Roque Monteiro Paim não será o mais interessado em se desfazer do unico emulo capaz de o offuscar? »

— « Roque Monteiro!.. » exclamou o secretario fulminado. « A minha honra, o meu segredo nas mãos de Roque Monteiro!?. V. paternidade está certo? »

Desta vez é que Diogo de Mendonça se julgou completamente perdido. A rasão era simples. A companhia dava-lhe a escolher entre a paz e a guerra; o secretario de estado, inimigo capital, não se contentava senão com a sua ruina. Apesar de toda a constancia, mesmo com toda a grandeza de alma que o sustinha de cahir em abjecções, perdeu quasi a luz dos olhos, e a palidez a cada momento maior fez-lhe o semblante de jaspe. Os beiços tremiam como as folhas com o vento.

O jesuita compadeceu-se. Admirava as faculdades do ministro; e as sombras do artificio, que tantas vezes desmanchavam a verdadeira elevação do seu espirito, não podiam achar muito austero censor em um politico italiano. Diogo de Mendonça, convertendo a sua desgraça em defeza e resistencia, e depois de vencido não se entregando indecorosamente, era o homem indispensavel da companhia aos olhos deste competente apreciador. Percebia o plano, e aplaudia-o! Nesta occasião o secretario com a verdade na bocca e a honra por escudo, parecia-lhe mais habil, mais invulneravel e diplomatico, do que nunca.

Usando dos foros da desgraça tomara de direito o melhor papel e deixava o peior á companhia pela evidencia da coacção. Depois de a perceber, restava contrariar a manobra, difficil para o padre Ventura mesmo.

Uma vez ainda, durante este duello cheio de lances a cada instante novos, o jesuita viu quasi escapar-lhe a victoria quando a julgara ganha. Não tinha vindo alli assistir á ruina de um inimigo, nem comprar um servo por mais uma ou duas convulsões de medo, por maiores ou menores promessas de fortuna; tinha vindo fazer um amigo, e esses ganham-se pela estimação e pelo respeito. Queria convencer o estadista de que as idéas de ambos eram as mesmas, e que os interesses do reino e os da sociedade de Santo Ignacio

podiam ser communs. Para isto devia seduzir o coração, e atrahir o espirito pela decifração sincera do instituto.

Coegida não acceitava a amisade do ministro. Revelando-lhe o roubo dos papeis tinha tentado uma experiencia sobre a força da alma delle, mostrando-lhe ao mesmo tempo que os braços da companhia eram compridos e sabiam chegar longe; nunca lhe passou pela mente mais do que isto. Se orou a Deus em acção de graças diante da sua derrota e o julgou decidido a contar daquella hora, é porque lhe podia tornar clara como o dia a necessidade de se unir com a sociedade para não succumbir só. Em todo o caso a sua idéa era obter o espontaneo auxilio de um alliado, e não o serviço venal de um escravo; e o visitador não era homem que cedesse facilmente de um plano assente, porque o não formava sem rasão.

Esperou por isso a opportunidade e lançou de repente no meio dos calculos do ministro o nome de Roque Monteiro. Appellando para a verdade tambem, e partindo da dignidade moral puxou esta carta, a ultima, e confiou-lhe a sorte da partida. O effeito foi qual o desejava. Desde que não era auctora, mas apenas sabedora do facto, a companhia de Jesus, sem deshonrar o ministro aos seus proprios olhos, podia estender-lhe a mão e assignar com elle o seu tractado. Eram duas potencias que se estimavam e se uniam, marchando juntas a fins em geral diversos, porém communs a alguns respeitos; — ella da sustentação da sua monarchia religiosa, elle da gloria da coroa e da pacificação geral. Qualquer das missões merecia inveja!

Portanto, dando á expressão tranquilla da physionomia um caracter mais severo o jesuita exclamou:

— « Sr. Diogo de Mendonça, não accuse a companhia, accuse os seus inimigos que tambem o são *por ora* della. Roque Monteiro pagou a um judas para o entregar. Não faça juizos temerarios, não se precipite com suspeitas condemnando o innocente!.. ainda não é tempo de apparecer a verdade. O seu espelho descubriu o maior segredo, como lhe disse; e o outro era facil de achar, sendo irmãos os cofres. »

— « E quem disse a Roque Monteiro, que eu tinha os papeis? »

— « Provavelmente el-rei! »

— « Agora me occorre! Faz tres semanas abri o segredo. Por inadvertencia deixei encostada a porta... »

— « E alguem queria ver, e viu? Lembra-se do dia? »

— « Era sanctificado. Tinha havido missa. »

— « Assim o suppuz tambem. »

— « E v. paternidade como o soube? » perguntou o secretario com um resto de desconfiança na vista.

— « Como Christo sabia que o vendiam, fallando com judas. Ahi tem porque ainda agora lhe disse que estava na mão da companhia fazel-o primeiro ministro, ou deixal-o desterrar para os presidios de Africa. Agora acha-se no caso de julgar. Não lhe menti sustentando que uns sem os outros eramos relativamente fracos. Quer que sejamos sempre os mesmos plenipotenciarios unidos para ajustar o mutuo auxilio, que nos é preciso, e debellarmos o inimigo commum? Assigna-se o tractado nos termos em que o propuz? »

O secretario das mercês estava comovido. Depois de irremissivelmente arruinado offereciam-lhe como antes as mesmas condições. Esta generosidade, esta confiança rara, acabou de o vencer. O coração já tinha accedido; arrasados de lagrimas os olhos já tinham fallado; e ainda a bocca era muda e a fronte pensativa pendia sobre o peito! Porfim, involvendo o padre em um olhar profundo e lento, disse-lhe:

— « De duas potencias que pareciamos no principio agora ha uma só: é v. paternidade. A outra bem viu o que era de fragil; a uma palavra sua cahiu por terra! Com que posso concorrer para a alliança, se amanhã, se hoje mesmo, estou sujeito a ir jazer em uma torre?.. »

— « Concorre com a pessoa, com o saber, com o seu coração, sobretudo!.. Sr. Diogo de Mendonça, respeito os escrupulos justos, estimo a probidade. Assim, com a alma nas mãos, o homem e a humanidade não lhe parece que ganham mais? Desgraçadamente não é possivel sempre! Ha venenos que nos matam se tirarmos a mascara. Paciencia! O mundo todos os dias se melhora, deixe dizer os mysanthropos... Estou percebendo as suas aprehensões... Cuida que vou pedir grandes sacrificios como prova da amisade? Socegue!., Sei o que offereço e o que dou, mas tambem conheço o que recebo. V. s.ª acceitando põe-me quasi em divida... »

— « Padre Ventura — exclamou o ministro — se a companhia se lhe assemelha no coração e na doutrina digo que a tenho calumniado! »

— « Veja o que são as cousas!.. Ha mais gloria para mim e para ella em a verdade lhe

arrancar essa confissão, do que em honrar-mos um acto de justiça com o seu nome!... Olhe, eu sou o fructo, e a sociedade a arvore. Medite as palavras de Christo, e ha de achar que a obra é sempre menos do que o auctor... Perdoe a comparação. A companhia sabe o que precisa? É mais homens e menos terras. Está rica; occupa muito logar nos dois mundos; eis o seu mal e o seu perigo. Devemos obrigal-a a ser zelosa e charitativa fazendo-a mais pobre. Convém levantar-lhe os olhos de cima dos rebanhos e da grossura das riquezas, e voltal-os piedosos para a vida de Jesus Christo, cuja imitação foi o seu voto... Esta grande reforma que a ha de salvar, e a nós com ella, deve tentar-se! Acredite-me: depois de mais de dois seculos de gloria e de dominio, a companhia cahirá, mas não ha de cahir só!... uma empreza tal, emprehendida em unidade de ideias e de meios por um ministro sabio, amigo e não lisongeiro nosso, e por um prelado forte de vontade, como o geral que represento, sinto, adivinho que não póde ficar obscura nem ser esteril na acção do mundo.... Quer ajúdar-nos a povoar os desertos e a fazer homens dos selvagens? Auxilia-nos para um terceiro cheio de cubiça e de inveja não pôr mãos violentas no thesouro alheio, destruindo em um dia o que levantámos em muitos annos?... Dê á companhia força e auctoridade no Brazil e na India, para que Roma não converta a Asia e a America em feitorias apostolicas, e em troca offereço-lhe mais de tres milhões de homens instruidos e civilisados por nós... Com elles e comnosco el-rei de Portugal não ha de achar impossiveis. Por mais alto que ponha o desejo poderá realisal-o... Acaso sabia D. Manuel que havia de morrer tendo metade do mundo por seu vassallo ou tributario? »

O ministro olhava para o padre, e deixava abraçar o seu espirito com o delle. Este plano profundo, que tendia a cubrir a monarchia com os abrigos da unidade absoluta, foi exposto pelo jesuita em toda a simplicidade de um pensamento lucido, e acabou de captivar a Diogo de Mendonça. Admirando a grandeza da ideia, e concebendo a elevação do seu papel no drama projectado, rendeu-se á sociedade de Jesus tão convencido de intelligencia como vencido de coração. Effectivamente nos primeiros annos do seculo dezoito quem ousaria subir mais alto do que estes dois homens em um plano de reforma? Ramos diversos do mesmo tronco, o poder absoluto era a formula, em que acreditavam; a soberania do direito divino, a unica origem de que a derivavam. Na unidade de movimentos e de ideias resumiam tudo. Um porque a obediencia passiva era o dogma fundamental do seu instituto. O outro, porque não podia vêr além do seu tempo, e da sua educação.

— « Quando quer v. paternidade que a paz universal se proclame? » disse o ministro sorrindo e apertando a mão do jesuita.

— « No dia em que o primeiro secretario de estado se chamar Diogo de Mendonça. »

— « E até lá? »

— « Segredo! »

— « E os nossos inimigos? »

— « Se nos julgarem a dormir elles é que resonam. »

— « Mas Roque Monteiro Paim?... »

— « Deixe! Dias depois da morte de el-rei D. Pedro, que Deus avivente muitos annos, prophetiso-lhe que Roque Monteiro uma bella manhã acha o tempo lindo e tem saudades da provincia.... faz de certo uma jornada. Verá se não succede. »

— « Então os papeis de estado?.. »

— « Elle é temente a Deus, ha de restituilos... e em pessoa. A lição deve ser grande. »

— « E a companhia?.. »

— « Só pede que a julgue pelas suas obras; e se tiver espaço e quizer, que lhe despache até depois de amanhã o negocio dos quindenios, que veio de D. Thomaz de Almeida para a sua mão. »

— « Mas eu aconselhei el-rei a que prohibisse o pagamento! »

— « Optimo! Excellente! Tambem eu disse a mesma cousa. Resolva desse modo, mas resolva depressa; é o essencial. »

— « Se el-rei está tão mal, não vejo a utilidade... »

— Vejo eu! Olhe, se el-rei podesse escapar pedia-lhe que atirasse com os papeis para o fundo da gaveta... mas assim toda a brevidade é demora. Os tres dias de um reinado novo são como as sentenças do juiz de fóra na primeira instancia. Aonde outro poz *sim*, escreve elle *não*, para se mostrar senhor das leis!.. »

— « Percebo, padre visitador! A companhia quer pagar os quindenios? »

— « A companhia não; o prelado da provincia não sei. São negocios caseiros em que não entro. Em todo o caso é com elle e com el-rei. Quer um conselho? »

— « Ouvirei com gosto. »

— « Esta tarde passe pela Corte Real e beije

a mão ao principe D. João. S. alteza ha de estimar; e estas cousas costumam servir depois... » disse o padre pegando no chapeu.

— « Então julga v. paternidade?... » acudiu o secretario acompanhando-o.

— « Que dia é hoje? » interrompeu o jesuita sahindo já do quarto.

— « Quinta feira! » replicou o ministro admirado.

— « Julgo » murmurou-lhe ao ouvido o visitador « que dentro de poucos dias ha rei e ministro novo: e nessa tarde, espero em Deus, assignamos o tractado de paz universal na varanda de S. Roque... Não se esqueça v. s.ª de me recommendar com muitas lembranças ao padre procurador de S. Domingos, fiquei muito seu affeiçoado... Quanto á nossa ida a Santa Clara, de que lhe fallei antes de elle vir, — ámanhã de manhã ás nove horas! »

Diogo de Mendonça fez a ultima cortezia e recolheu-se. Passando pelo espelho, olhou, e achou-se com o rosto livido, as olheiras tão fundas que parecia ter-se levantado do leito da morte.

— « Estou salvo! » exclamou respirando alto e desopprimido « mas que homem, que homem aquelle! Mais duas campanhas assim, e duvido que Cesar, mesmo, resistisse... Milciades! » acrescentou ao escravo preto que chamára com a campainha « dirás a todos que me procurarem, a todos, ouves? menos ao sr. Roque Monteiro Paim, *meu particular amigo*, que teu senhor sahiu á quinta e não volta senão á noute. »

Dito isto fechou o cofre dos papeis ainda aberto, e pegando no seu Horacio principiou a reler a famosa ode — *Justum et tenacem*, — limpando a miudo a testa do suor frio, que ainda lhe fazia borbulhar a ideia dos passados perigos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

POESIAS DE OTTONI.

Professor da lingua latina em Minas Novas passou o poeta alguns annos, limitado a reger a sua aula e aos cuidados do lar domestico, sem deixar de entregar-se aos estudos a que era mais propenso. Sendo, porém, este theatro mui limitado para seus talentos, desejoso de melhorar de posição, e tambem com o intuito de cobrar seus ordenados, cujo atrazo o obrigára a viver e sua familia dependentes de seu sogro, resolveu dirigir-se a Portugal ahi pelos ultimos annos do seculo passado.

Deixaremos fallar o seu parente e biographo.

« Em Lisboa viveu José Eloy Ottoni vida de poeta e de pertendente. Entregue ás inspirações das musas, foi muito tempo companheiro inseparavel de Bressane e de Bocage. Na sua velhice commemorava elle com saudade as noites de uma certa Arcadia poetica, em que o primeiro logar era disputado pelos tres vates amigos, e contava anecdotas muito curiosas de suas excursões com Bocage aos arrabaldes de Lisboa. Conquistou nesse tempo a amizade do conde dos Arcos, de Francisco Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá, e de outros litteratos e poetas de nomeada, entre os quaes mencionava com enthusiasmo a fallecida marqueza de Alorna, então condessa de Oyenhausen. O talento poetico desta senhora era tido em grande apreço por José Eloy Ottoni, que manifestou a sua admiração em muitas poesias a ella dedicadas: d'entre estas conservo uma epistola, escripta de seu proprio punho, em a qual, saudando com vivos applausos a traducção que a condessa fizera dos quatro primeiros cantos do celebre poema — Oberon, — empenhava seu valimento de poeta para que a filha das musas enriquecesse tambem o idioma vernaculo com a traducção do 5.º canto. Darei uma amostra da epistola (a Lilia):

Sobre um Vesuvio de Apollineo fogo,
Na quinta estancia de Oberon te espero.
Vôa sobre os heroes, aguia do Pindo,
Os seres immortaes te acenam, vôa,
Não suspendas o canto, ó vate, ó vate,
Cheio do Deus... o Deus por ti inspira...
As cordas de oiro me resoam n'alma...
Lilia! Lilia! eu te invoco, attende, attende,
Meus votos ouve, meu delirio acolhe.

E depois de analysar os cantos traduzidos, insiste o poeta pelo 5.º que então faltava.

Chega o termo fatal, o heroe que assoma
Nutrindo a fragua d'um suspiro ardente,
A esperança de Resia, occulto, envolve,
Do ameno harem á scena deleitosa.
Tu me elevas, me encantas, me arrebatas.
Dá-me, oh Lilia, o heroe, a acção o exige.
Entregue ao somno ainda Hugon repousa.
. . . . . .
Tu reforças o vôo, a chamma accendes...
Ah! não tardes, afouta o plectro empunha,
Do festim nupcial desprende a lyra;
Teu estro encantador meu estro fôra!
Sobre o bifido monte eu me inflammára,
Mysterios de Oberon só te pedira.
. . . . . .
Quanto pôde Oberon teus versos podem.
. . . . . .
Tu não deves negar á patria os loiros;
Eia, Lilia, Oberon... prosegue, acaba.

Da epistola mencionada supponho coéva, até por estarem ambas escriptas no mesmo papel, uma outra, que vou aqui estampar, e que no meu humilde parecer justifica o juizo de um illustrado critico, o espiritoso e suave traductor de Ernani, o qual, escrevendo uma noticia fugitiva sobre a vida e talentos de José Eloy Ottoni, entendeu que em poesias do

amor nunca houve poeta mais terno, e que soubesse convencer com mais philosophia e ternura que os sexos nasceram para se amarem. »

E, seja dito de passagem, essas flôres com que o illustre poeta fluminense amenisou recentemente a lousa do poeta mineiro, são condigna retribuição de bellos versinhos em latim e portuguez, com que José Eloy honrára outr'ora as cinzas do nosso padre Antonio Pereira de Sousa Caldas.

EPISTOLA.

Soprando a chamma do aquecido engenho,
Batendo as azas da rasão liberta,
Desprende o vate a supprimida penna
Da força occulta que lhe tolhe o rasgo.
Não teme o vento rugidor, não teme
A nuvem grossa que o trovão despeja;
Transpondo o espaço, que ás idéas obsta,
Navega afouto sobre o livre espaço.
Não cuides, Lilia, que eu avance ousado
Além da meta circumscripta aos vates;
Da patria amigo, o cidadão respeito,
Respeito as leis, a religião, o estado,
Quando cheio de Apollo ás nuvens mando
Meus pobres versos, da desgraça filhos;
O mesmo numen, que os inspira e move,
Bafeja, e manda que inspirados devam
Partir de um ponto, que no centro é fixo.
Salvando o golfão, que as paixões exhala,
Sem mancha, livre d'infecção, seguro
Do bafo crestador, que a mente empola,
Não sirvo ao premio da lisonja escravo;
Arrasto os ferros que os mortaes arrastam.
Eu amo, ó Lilia, e se o amor é culpa,
De ser culpado não s'exclue quem ama.
Não zombe o sabio de me ouvir, attenda,
Escute o sabio o voz da natureza.
As plantas vivem porque as plantas amam;
Ao tronco unidas, quando os olmos brotam,
Brotam as verdes trepadeiras heras.
Não curva os braços verdejantes, ergue
Soberba o collo, e demandando as nuvens,
A palmeira recebe, acolhe, afaga
Suspiros ternos que a saudade envia
No bafo meigo do amador distante.
Ss o fido esposo que de longe exhala
O succo ethereo, que vegeta e nutre,
Cedendo á força malfazeja, expira;
A esposa, logo que a exhalar começa
Do fluido exhausto o deprimido alento,
Sequiosa pergunta, affavel pede
Noticia ao vento, que lha nega e foge;
Não vive a esposa quando o esposo acaba,
Perdendo a força nutritiva perde
O vigor da união que a enlaça e prende;
E do esposo chorando a perda infausta,
Convulsa treme, solitaria morre.

Reflecte, ó Lilia, nos purpureos gomos,
Fecunda prole do virgineo fogo,
Que acende o pejo da engraçada Flora.
Vê, como a força vegetal rebenta.
A aurora ha muito que bafeja o leito
Da florifera Venus, do engraçado,
Formoso Adonis, que em consorcio unidos
Prestavam firmes os solemnes votos
Que exige a prole de brincões amores.
Depois que a tocha nupcial accende,
O purpureo hymeneo dá vida ás flôres,
Acode aos gomos, e rebenta o germen.
Não pára o fluido, os filamentos incham,
Rebenta o calix, e os amantes soltam
Do peito o aroma que perfuma os ares.

Oh santa, oh justa, oh sabia natureza!
Como é possivel desligar-se um ente,
Que á mesma especie de outro ente é unido!
Os volateis no céu, no mar os peixes,
O pequeno reptil, o insecto informe,
Os entes do universo... ou nada existe,
Ou cada especie á sua especie é unida.
E se um ente mais nobre existe, o homem,
Se uma hydraulica mais sublime o nutre,
Que efficaz attracção, que força activa
Dispõe de um ente, que o auctor dos entes
Manda que impere aos entes do universo,
Não por orgulho, sim por excellencia
De um principio, que o move, anima e nutre.

(*Continúa.*)

(Continuação das Poesias Sacras.)

A seguinte é a glosa da paraphrase do versiculo *Domine, labia mea aperies*, etc. do *Miserere* que imprimimos em o n.º precedente.

Unge meus labios, Senhor,
Voarei á Divindade,
Será eterno o meu canto,
Meu instrumento a verdade.

A lyra que á flor dos annos
Consagrei cantando objectos,
Tão futeis como indiscretos,
Hoje é so prestigios, damnos:
Encontra só desenganos
Quem busca em trevas amor,
Mas eu persinto calor
De nova luz que me inspira,
Agora dá-me outra lyra,
Unge meus labios, Senhor.

Manda a luz que aponte a lei,
Dá-me o tom que o plectro afaga,
E os caracteres apaga
Que por delirio gravei;
Tambem quantos entoei
Hymnos d'amor, oh vaidade!
Seguindo a luz da verdade,
Que brilha de quando em quando,
Ao pó da terra escapando,
Voarei á Divindade.

Heroes, fortuna e grandeza,
Que o tempo eleva e consome,
Graças que morrem sem nome,
Atractivos de belleza,
Tudo é pó, tudo é fraqueza,

É tudo miseria e pranto.
Ou desdobre a noite o manto,
Ou desponte a luz do dia,
Desinvolvendo a harmonia,
Será eterno o meu canto.

De que a terra e céu me inspiram
Os pregoeiros são estes,
Todos os corpos celestes,
Que em curvas orbitas giram:
Que innumeros os soes se viram
No centro da immensidade!
Na extensão da eternidade,
Se eu abrangesse a harmonia
A luz meu echo seria,
Meu instrumento a verdade.

NOTICIAS E COMMERCIO.

ESCHOLAS DIRIGIDAS PELO SR. DR CASTILHO (ANTONIO).

O nome deste eximio litterato é por si só uma recomendação; os desvelos que tem empregado na educação da mocidade, já na Ilha de S. Miguel, onde é lembrado com viva saudade, já no continente do reino, onde todos acatam seu muito saber e prendas, manifestam-se nos escriptos rudimentaes a que tem descido o seu elevado talento só no intuito de amenisar, e tornar mais perceptivel o estudo conveniente ás tenras idades. São conhecidos e apreciados seus incansaveis esforços; o seu methodo de leitura tem produzido optimos resultados, que ultimamente se conheceram tambem nas casas de asylo da infancia. Julgamos, por isso, prestar um serviço ao publico, inserindo os seguintes annuncios.

Collegio do Portico. — Este estabelecimento, dirigido por Antonio Feliciano de Castilho, acha-se hoje transferido para a rua dos Navegantes n.º 40 a 43, junto ao Largo da Estrella. Excellente casa, com todos os requisitos hygienicos, e, pela tranquillidade e silencio do sitio, inteiramente propria para o bom estudo. As primeiras letras alli são ensinadas pelo methodo de *Leitura repentina* e *Escripta repentina*, sob a immediata inspecção do auctor. As classes de portuguez, francez e latim, são regidas pessoal e assiduamente pelo mesmo A. F. de Castilho.

Todas as pessoas que desejem conferir e julgar por si mesmos os methodos que neste collegio se empregam para o ensino das diversas disciplinas, assim como o gosto e não vulgar aproveitamento com que os alumnos as seguem, não só são admittidas, mas até convidadas (como desde o principio até agora o tem sido) a assistirem ás prelecções e exercicios, todas as vezes, e por quanto tempo lhes agradar.

Gratuito. — ENSINO DE PRIMEIRAS LETTRAS. — No palacio da rua dos Navegantes á Estrella n.º 41 se vai abrir a 15 de julho proximo um curso nocturno *gratuito* de leitura pelo methodo de *Antonio Feliciano de Castilho*; são convidados a approveitar-se delle com especialidade os operarios, creados de servir, e quaesquer pessoas que não possam dispôr das horas do dia para se instruirem.

Os individuos que até ao praso supra-indicado não tiverem ido dar o seu nome não serão recebidos.

Obras publicas em Hespanha. — A alienação dos bens proprios dos municipios para applicar seu producto aos caminhos de ferro, é idéa que vai ganhando muito terreno no reino visinho. O governo auctorisou para esse fim os povos da provincia de Ciudad Real; e o *ayuntamiento* de Cadiz tambem deliberou igual venda para inverter o producto em acções do caminho de ferro andaluz.

Já se procede ao traçado da linha que ha de seguir o caminho de ferro de Valhadolid á corte, e breve começaram os trabalhos tão esperançosos para a Castella. Tambem se começavam os reconhecimentos e mais trabalhos preliminares para os estudos de uma secção do caminho de ferro do norte, a qual ligará o Bidassoa com o Ebro, comprehendendo uma linha de 30 leguas; todavia, parece que não satisfaz os desejos de todos os partidarios da linha do norte, porque dizem que vai deixar fóra do seu raio precisamente os povos que foram os primeiros em promover este pensamento.

Annunciou-se ter-se arrematado em Malaga a construcção do caminho entre Antequera e os limites da provincia de Cordova; e diz-se que o municipio da capital do principado tinha pedido a competente auctorisação para formar a companhia que ha de levar a cabo a construcção da importantissima via ferrea de Barcelona a Saragoça.

A deputação provincial de Toledo resolveu promptificar seis mil duros annuaes, e mais se fôr preciso, para abono dos juros das acções que se emittirem, chegando a realisar-se o pensamento de construir um caminho de ferro que atravesse parte da Estremadura passando por Talavera de la Reina.

Em Castellon discutiu-se n'uma reunião das pessoas mais notaveis da terra o projecto tendente a formar uma linha de caminho de ferro que va desde essa cidade prender-se com a linha de Valencia. Continuavam as obras do caminho do Trocadero de Cadiz para Xerez, que estiveram suspensas por exigencias do *ayuntamiento* de Puerto de Santa Maria.

As obras das estradas reaes tiveram grande impulso e algumas novas se vão abrir; na provincia da Corunha já começaram as duas que se dirigem desta cidade a Ferrol e a Cartallo, e as de Santiago para Orense e para Lugo. Os caminhos vicinaes tambem se melhoram, e os povos auxiliam as disposições tomadas pelos delegados do governo.

A canalisação do Guadalmedina em Malaga e o canal de irrigação de Urgel são duas emprezas de mui esperançoso futuro e que se activam com perseverança e efficacia. Quanto á navegação do Ebro, espera-se que qualquer dia se faça no Banco de S. Fernando o deposito de nove milhões de reales para emprehender as obras.